

Educomunicação e a estratégia de trabalho colaborativo no ambiente escolar¹

Benedito Dielcio MOREIRA²

Jaqueline Michele da Silva BRAZ³

Monique de Souza Sant'Anna FOGLIATTO⁴

Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO: O artigo tem por finalidade analisar a proposta de trabalho colaborativo em duas escolas estaduais rurais do interior de Mato Grosso participantes do projeto “Educomunicação, ciência e outros saberes: um estudo do trabalho colaborativo e compartilhável em narrativas transmídias” promovido por um grupo de pesquisa de Comunicação Social da UFMT. A partir das experiências vivenciadas, foi possível compreender que a proposta de inserção da tecnologia aliada ao trabalho colaborativo proporcionou mudança das relações no ambiente escolar, além de demonstrar novas maneiras de assimilação e construção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho colaborativo, Educomunicação, Transmídia, Jovem

Introdução

O projeto “Educomunicação, ciência e outros saberes: um estudo do trabalho colaborativo e compartilhável em narrativas transmídias” é uma proposta de intervenção e pesquisa elaborada por membros do Núcleo de Estudos Comunicação, Infância e Juventude, da Universidade Federal de Mato Grosso, cuja temática de estudo é a inserção do jovem em diferentes contextos midiáticos.

Com a proposta de promoção do trabalho colaborativo através da utilização das tecnologias digitais no ambiente escolar, foram definidas dez escolas públicas do Estado de Mato Grosso, abrangendo tanto escolas situadas no meio rural como no urbano. A execução do projeto compreende tanto a realização de diferentes oficinas para alunos e professores, envolvendo técnicas de produção de áudio, foto, vídeo e textos em diferentes narrativas,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Orientador do trabalho e professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: dielcio@hotmail.com

³ Graduanda do quinto semestre de Comunicação Social, habilitação em jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail:jaquelinebraz.5@gmail.com

⁴ Graduanda do quinto semestre de Comunicação Social, habilitação em jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail:moniquefogliatto@gmail.com

inclusive a jornalística, como o estudo destas produções surgidas nas oficinas e sua contribuição no processo de ensino/aprendizagem.

Para procurar compreender melhor a efetividade do trabalho colaborativo proposto pelo projeto, selecionamos duas escolas de municípios distintos, mas que carregam a característica comum de estarem situadas em zonas rurais. A escolha foi feita com base nas semelhanças quanto ao ambiente em que se encontram e o contexto vivenciado por nós, no que tange ao ambiente escolar, no qual em ambas escolas notava-se um exemplar trabalho colaborativo entre os alunos, e, inicialmente, uma relação professor/aluno muito marcada pelo modelo bancário⁵

Utilizando como metodologia a compreensão de aspectos teóricos como trabalho colaborativo e o conceito de narrativa transmídia, foram tomados como objeto de análise os produtos feitos pelos alunos e apresentados à comunidade escolar no final do ano de 2015, além das experiências vivenciadas por nós na segunda fase do projeto, iniciada em março de 2016, momento em que foram incorporadas 3 novas oficinas, sendo elas trabalho colaborativo e tecnologia, criatividade e outros saberes.

Através desses dados, foi possível compreender os benefícios proporcionados pela promoção do trabalho colaborativo, no qual não só os alunos cooperam entre si, mas os professores das duas escolas e nós da universidade nos tornamos aprendizes e compartilhadores de conhecimento, o que demonstrou significativa mudança se comparados os dois momentos, o de 2015 e o de 2016.

O Jovem e a tecnologia

Para Silverstone (2002, apud MOREIRA, 2013), as mídias não são simplesmente aparatos tecnológicos que ampliam nosso conforto ou espaços de informação e entretenimento. Elas atuam em nossa cultura e nos educam. É certo o papel importante que a tecnologia, as redes sociais e as mídias ocupam na sociedade, principalmente na vida do jovem. Os jovens estudantes do Ensino básico nasceram e vivem em um ambiente informativo e tecnológico, são chamados de nativos tecnológicos, atuando e modificando esse meio.

Clay Shirky (2011), em seu livro “A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado” discute no primeiro capítulo os chamados “lubrificantes sociais”. Em 1720, o Gim, na Inglaterra, segundo o autor, cumpria esse papel, atuando

⁵ O conceito, do educador Paulo Freire (1974), diz respeito ao modelo de educação tradicional, no qual o conhecimento, detido pelo professor, é repassado em pequenas parcelas.

como uma forma de entretenimento, de modo a esquivar-se das mudanças sócias ocorridas na época. Mais à frente, no período pós-guerra, o que viera a ser o facilitador da transição de um tipo de sociedade para outro, foi a televisão, que ocupou a maior parte do tempo livre dos cidadãos.

Porém, atualmente, algo novo surgiu: a cultura do compartilhamento. Antigamente, o tempo livre dos jovens e adultos era voltado para os meios tradicionais de comunicação, em que a interação era mínima. Agora, porém, “vivemos, pela primeira vez na história, em um mundo no qual ser parte de um grupo globalmente interconectado é a situação normal da maioria dos cidadãos” (Shirky, 2011, p.27).

Uma nova era na qual o lubrificante social se tornou algo que propõe diariamente o compartilhamento e tem como principal agente e conhecedor do assunto o adolescente. Isso, para o autor, cria oportunidades de transformações incríveis. O aparelho celular, por exemplo, se tornou parte integrante do dia a dia do adolescente, em que ele compartilha, assiste, curte e comenta assuntos diversos. Apesar de o aparelho celular ser parte de algo motivador, interessante para o jovem estudante, está, na maioria das vezes, excluído da sala de aula. Ignorar os benefícios que esta cultura do compartilhamento e do trabalho colaborativo tem para o processo de ensino/aprendizagem é estar fora da sintonia dos jovens, ou seja, estar ausente dos locais virtuais por onde andam, e para onde eles estão olhando. Há que destacar também que esta cultura se agiganta por conta tanto das inovações constante dos aparatos tecnológicos quanto pela desenvoltura dos jovens em sua utilização.

Narrativas Transmídias

Seja de forma oral ou relatada através de algum suporte, as narrativas sempre ocuparam importante espaço nas sociedades humanas, seja como forma de relato ou até mesmo para preservação das histórias de cada sociedade. Na contemporaneidade, em um cenário permeado pelas tecnologias, a arte de contar histórias ganhou nova configuração, sofrendo interferência direta das tecnologias, sendo disseminada e conhecida pelos mais diferentes povos e culturas.

Tida como protagonista no cenário contemporâneo permeado pelas novas tecnologias, a internet surge como um suporte para realização e compartilhamento dos mais diferentes tipos de conteúdo, na medida em que seu acesso não está restrito a um espaço fixo. Habitado principalmente por jovens, o ambiente virtual possui importantes

particularidades, principalmente no que diz respeito ao uso do espaço para criação e compartilhamento de conteúdo.

A respeito disso, Henry Jenkins discute a importância da utilização de novas plataformas, na medida em que elas “oferecem novas capacidades para as pessoas passarem adiante artefatos de mídia, ao mesmo tempo em que buscam modelos para gerar lucros com as atividades dos usuários” (JENKINS, 2014, p.25). A respeito desse assunto, pode-se inferir que as novas mídias proporcionaram uma nova forma de propagabilidade, não mais restrita a indivíduos que compartilham de uma mesma ideologia, cultura e espaço geográfico, já que a utilização das tecnologias da informação e comunicação alterou o conceito de territorialidade.

É nesse cenário permeado pelas tecnologias que a arte de contar histórias ganha novo significado. Jenkins (2004), analisando o contexto comunicativo atual, propõe a utilização do conceito de narrativas transmídias para designar essa nova fase de socialização proporcionada pelas novas tecnologias da informação e comunicação em que coexistem as mais diversas mídias.

Considerando os aspectos relacionados acima, é possível inferir que o traço mais marcante da narrativa transmídia é a utilização de diferentes mídias na construção e distribuição de uma história (ou um fato jornalístico), onde os conteúdos, por sua vez, convergem todos para a mídia principal, nas palavras de Jenkins, a “nave mãe” (NAVARRO, 2010, p.12 apud CORREA, 2014, p.106).

Ainda segundo Jenkins (2009), as narrativas devem ultrapassar os limites das mídias, sendo construídas cooperativamente e seccionadas pelas mais diversas mídias, sejam elas tradicionais ou contemporâneas, na tentativa de que o espectador vá

perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com as de outros fãs, em grupos de discussão *online*, e colaborando para assegurar que todos os que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento mais rica (JENKINS, 2009, p. 49).

Além disso, a produção de conteúdo transmídia deixa clara a proposta de construção colaborativa de conteúdo, na medida em que o público alvo de seu conteúdo não é concebido de forma passiva, mas enquanto colaborador na construção do conteúdo consumido. Assim, a partir da interação dos indivíduos com interesses afins, as narrativas transmídias assumem nova configuração, sofrendo interferência de seus consumidores.

Haja vista que os jovens estão imersos nesse universo particular de construção de conteúdo, é importante que o ambiente escolar incorpore essa prática de produção e compartilhamento, na tentativa de despertar nos alunos maior interesse nas disciplinas escolares. Sobre esse aspecto, Falcão (2011) afirma que

a narrativa transmídia deve ser utilizada como instrumento de mediação pedagógica, sendo “um elemento catalisador no relacionamento entre professor e aluno, servindo como instrumento de mediação pedagógica. Isso se deve ao fato de as narrativas transmídia se basearem em colaborativismo, participação, criação coletiva e expressão em diferentes formatos, linguagens e canais guiados por uma narrativa central (FALCÃO, 2011 apud CORREA, 2014, p.109).

Dessa forma, considerando o ambiente em que estão inseridos os jovens, é importante salientar acerca da efetividade do trabalho colaborativo e da construção de narrativas transmídias ligadas à educação. Sobre esse aspecto, Massarolo (2013) argumenta:

No ambiente escolar, a migração dos jovens estudantes pelos espaços caracterizados pela mobilidade, interatividade e a colaboração reforça a emergência de uma nova cultura baseada na participação dos alunos nos processos criativos das histórias. (MASSAROLO; MESQUITA, 2013,p.36)

Além disso, é preciso destacar que esse novo formato de construção e assimilação de conhecimento na Web proporciona a seus usuários novas experiências interativas, na qual é possível maior assimilação, possibilitada, principalmente, pela interatividade proporcionada pela internet. Essa prática resulta em um processo de aprendizagem de forma lúdica, na medida em que as narrativas se desdobram de maneira contínua e significativa. Sobre esse aspecto, Massarolo e Mesquita concluem:

As jovens audiências já estão acostumadas a participar do processo criativo de construção dos personagens e de suas histórias, se constituindo no principal motivo da sua migração de uma plataforma para outra. Essas características transformam a narrativa transmídia na nova estética da cultura participatória, pois sua metodologia pressupõe a interatividade e a colaboração. (MASSAROLO; MESQUITA,2013,p.36)

A Experiência

1.0 Mimoso

Escolhida como uma das sete escolas integrantes do projeto Educomunicação, ciência e outros saberes, a Escola Estadual Santa Claudina, localizada no distrito de Mimoso, em Santo Antônio do Leverger, região do Pantanal, foi um exemplo claro da essencialidade de aplicação do trabalho colaborativo entre toda a comunidade escolar.

Localizada a 120 km da capital do estado, Cuiabá, o distrito de Mimoso é conhecido principalmente por ser a terra natal de uma das figuras mais importantes historicamente, Marechal Rondon. Sua economia se baseia na agricultura de subsistência e criação de animais, sendo povoado por um pequeno número de famílias.

Nesse cenário particular, na antiga casa da mãe de seu mais ilustre morador, está localizada a escola. O projeto, com duração de cinco meses, teve a participação de aproximadamente 50 alunos do nono a terceiro anos do ensino médio. Apesar da grande quantidade de alunos, o estabelecimento da relação entre a equipe da UFMT e os alunos aconteceu de maneira espontânea e fácil, o que permitiu com que as atividades desenvolvidas nas oficinas obtivessem o melhor êxito.

Aspectos importantes merecem ser ressaltados para melhor compreender o contexto em que o projeto foi aplicado. Habitantes de uma comunidade rural, a comunidade escolar da escola Santa Claudina é um ambiente propício para o desenvolvimento de atividades coletivas, uma vez que alunos e professores estabelecem um contato próximo, quase familiar. Além disso, a presença do celular no cotidiano dos alunos, apesar de frequente, era restrita a um grupo de alunos, e, ainda sim, em sua maioria, os aparelhos utilizados por eles não dispunham de memória para o desenvolvimento das atividades, não sendo possível e proveitoso sem o estabelecimento do trabalho colaborativo.

Nesse aspecto, o desenvolvimento do trabalho colaborativo representou um incremento no aspecto relacional entre os alunos, que além de interagirem com mais frequência, passaram a desejar novas experiências com as tecnologias realizadas com intervenção dos demais estudantes, nas oportunidades em que foram separados em pequenos grupos. Sobre esse aspecto, argumenta Maria Teresa Freitas:

Sem ele (o outro), o homem não mergulha no mundo sógnico, não penetra na corrente da linguagem, não se desenvolve, não realiza aprendizagens, não ascende às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência, enfim não se constitui como sujeito. O outro é peça importante e indispensável de todo o processo dialógico que permeia ambas as teorias. (FREITAS,1997, p. 320 apud DAMIANI,2008)

A respeito da interessante experiência de interação interpessoal mediada pelo uso da tecnologia cabe ressaltar a relação dos jovens com as tecnologias. Em muitos casos, até mesmo a realização de textos nas oficinas de jornalismo, os produtos foram realizados a partir da divisão de tarefas e compartilhamento de ideias.

Outro aspecto interessante de trabalho colaborativo envolveu os produtos das oficinas de audiovisual, em que os alunos compartilharam o aparelho celular para o desenvolvimento das etapas da produção, tais como gravação do áudio, vídeo, realizar fotografias e até mesmo no contexto pós produção, com a construção coletiva do produto, apresentado na ocasião de encerramento do projeto piloto, em dezembro de 2015. Sobre esse aspecto, Colaço (2004) afirma que as crianças, ao trabalharem juntas, “orientam, apoiam, dão respostas e inclusive avaliam e corrigem a atividade do colega, com o qual dividem a parceria do trabalho, assumindo posturas e gêneros discursivos semelhantes aos do professor” (2004, p.339).

Além disso, a utilização da tecnologia, aliado ao trabalho colaborativo, ultrapassou as barreiras tecnológicas de deficiência de redes móveis e até mesmo a baixa qualidade da rede de internet no ambiente escolar. Através do mecanismo de compartilhamento de arquivos para edição de vídeo pelo dispositivo de bluetooth, a grande maioria dos alunos com celulares teve acesso aos aplicativos, o que facilitou o trabalho desenvolvido e se mostrou uma novidade até mesmo para os oficinairos participantes do projeto.

Assim, a experiência descrita anteriormente revela aspectos do conceito desenvolvido por Wells (2001) intitulado co-construção do conhecimento. De acordo com o autor, ela ocorre quando há uma tentativa de construção coletiva de determinada atividade ou solução de problemas, através da discussão de ideias, propostas e contrapropostas. Soma-se a essa definição a ideia desenvolvida por Daniels (2000), o qual argumenta que as culturas de trabalho colaborativo são importantes ambientes para a promoção de trocas de experiência e, conseqüentemente, de aprendizagens, promovendo incremento nesses parâmetros.

Além da produção de áudio e vídeo, a oficina de jornalismo contribuiu para o desenvolvimento de pautas coletivas, que resultaram em produtos interessantes propostos pelos próprios estudantes. Divididos em pequenos grupos, os alunos realizaram tarefas que envolviam a construção do texto, gravação do áudio e realização da foto ilustrativa da matéria. Os resultados foram editados no jornal intitulado “O Pantaneiro”, nome escolhido pelos próprios alunos, e distribuído apresentados à comunidade escolar no fim do ano de 2015.

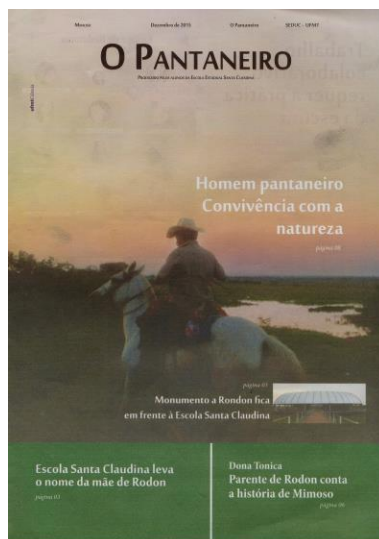


Ilustração 01: Primeira Página do Jornal “O Pantaneiro”

O trabalho colaborativo entre professores e alunos, por sua vez, também esteve presente na experiência desta escola. Inicialmente, ainda em 2015, como o projeto estava centrado exclusivamente na capacitação de alunos, a participação dos professores foi sempre eventual, em atendimento a demandas específicas.

Apesar das inúmeras atribuições e da ausência de tecnologia disponível nas escolas, os professores sempre se mostraram dispostos ao aprendizado do manuseio da tecnologia digital e posicionaram-se inúmeras vezes sobre a necessidade de revisão do modelo pedagógico, uma alternativa de ensino já discutido por Damiani (2008). Por outro lado, sabem os professores que a existência de máquinas, de conexão via Internet, não significa utilização racional e pedagógica dos equipamentos.

(...) não basta ter computadores ligados à internet, por exemplo, para garantir que eles serão efetivamente utilizados e incorporados na prática escolar. É necessário um trabalho de reflexão coletiva para que essa mídia traga novos elementos à já bastante atribulada, vida do professor. (BECK,2004, apud Damiani,2008, p.221)

Na segunda etapa das visitas à escola, iniciadas em maio de 2016, o trabalho colaborativo entre alunos, entre alunos, professores e equipe da UFMT alcançou um ponto de mutação extraordinário, o que está tornando possível a ampliação tanto da quantidade quanto da qualidade dos trabalhos. A pró-atividade dos professores nas oficinas transformou o ambiente escolar, na medida em que passaram a orientar os alunos nas tarefas, além de participarem da produção juntamente com os alunos. Sobre esse aspecto,

Moysés (1997), expõe acerca da importância do trabalho colaborativo entre os dois grupos, na medida em que

leva a perceber a importância de o professor tanto estimular seus estudantes a trabalhar em grupo quanto fornecer-lhes um modelo interativo que leve ao compartilhamento de idéias e não à intervenção autoritária e diretiva, (MOYSÉS,1997 apud Damiani,2008,p. 222)

A postura adotada pelos professores serviu também para fortalecer a motivação dos alunos. O trabalho colaborativo e a construção coletiva envolvendo professores e alunos nas atividades propostas pelas oficinas permitiu melhor aproveitamento. Esse modelo de interface comunicação e educação tem possibilitado uma nova proposta de promoção do ensino e da aprendizagem. Sobre esse aspecto, analisa Damiani (2008):

(...)o trabalho colaborativo possibilita, além disso, o resgate de valores como o compartilhamento e a solidariedade – que se foram perdendo ao longo do caminho trilhado por nossa sociedade, extremamente competitiva e individualista. (DAMIANI, 2008, p.225)

1.1 Escola Estadual do Campo Benedita Augusta Lemes - Jangada

A Escola Estadual do Campo Benedita Augusta Lemes, localizada a 100 quilômetros de Cuiabá, no município de Jangada, na comunidade Novo Mato Grosso, também participa do projeto. Sua fundação é datada no ano de 1985. Localizada próximo a Serra das Araras, a região é rica em belezas naturais, sendo um verdadeiro berço de riquezas ambientais. Os alunos são moradores de diversas comunidades da região. Além das riquezas ambientais, os moradores das comunidades cultivam lendas, personagens interessantes, são dotados de muita fé e orgulhosos de sua cultura. A economia das comunidades tem como base principal a agricultura familiar e a produção de farinha de mandioca.

Neste ambiente, todos os envolvidos no projeto, professores, alunos e equipe da UFMT, aprenderam, compartilharam conhecimento e venceram dificuldades encontradas pelo caminho. Pode-se dizer que esta escola tem se tornado um exemplo de superação de barreiras. O projeto ocorreu em sua primeira fase no segundo semestre de 2015 e está ocorrendo em 2016. Em 2015, o projeto piloto durou cinco meses, com a participação de 100 alunos, sendo eles do 9º ano do fundamental, 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio.

Em 2016, o projeto teve início em maio. Nessa 2º fase, participam do projeto 40 alunos, sendo eles do 9º ano do ensino fundamental, 1º e 2º ano do ensino médio. Antes, porém, de discutir as vivências, dificuldades e aprendizados que esse projeto em Jangada

vem nos mostrando, queremos aqui pensar em voz alta sobre qual a importância deste projeto para as escolas, enquanto uma maneira de valorizar o trabalho colaborativo.

De acordo com Damiani (2008, p.215), a colaboração propõe que membros de um mesmo grupo se apoiem ao trabalharem juntamente, visando atingir objetivos comuns, negociados em coletivo. As relações dentro do trabalho colaborativo tendem a funcionar como uma liderança compartilhada, em que a confiança mútua e a corresponsabilidade pelas ações se fazem presente. A ser adotada, a ideia de colaboração poderá gerar inúmeros benefícios.

Todo projeto está suscetível a dificuldades e com este não foi diferente. Inicialmente, a timidez era uma fronteira que tanto nos conectava como nos separava. Essa timidez ao tempo em que afetava diretamente o estabelecimento das relações de confiança e amizade, também se mostrava como parte do respeito mútuo, algo imprescindível para o desenvolvimento do trabalho colaborativo. Para minimizar e facilitar o trabalho conjunto, realizamos atividades conhecidas popularmente como “quebra-gelo”, que é uma espécie de brincadeira interativa. De maneira divertida passávamos a conhecer melhor uns aos outros, o que tornava a atmosfera mais leve, propícia a criações e ao aprendizado.

Outra dificuldade presente é a falta de aparelho celular por parte dos alunos e a dificuldade de conexão em rede, dois pontos que podem ser considerados matérias-primas do projeto. Isso poderia ser um grande problema, não fosse a prática do compartilhamento, da ajuda mútua presente entre alunos e professores. Como vários alunos não possuíam celular, ao ser necessário a realização de tarefas que o utilizassem, como, por exemplo, na oficina de fotografia e audiovisual, os próprios alunos se organizavam de modo que os grupos de trabalho tivessem ao menos uma pessoa com smartphone. O ato de compartilhar o smartphone já era algo comum e firmado entre eles.

Como na escola anterior, o envolvimento dos professores no projeto piloto de 2015 ocorria por demandas, uma vez que o projeto estava centrado no aluno. Devido à grande quantidade de alunos, três grupos foram formados. Assim aconteciam três oficinas simultaneamente: jornalismo, audiovisual e fotografia. Os alunos escolhiam qual das oficinas gostaria de participar. A oficina mais concorrida em 2015 foi a de audiovisual. Consequentemente, gerou mais produtos. Para as atividades de fotografia, foram apresentadas técnicas de enquadramento e utilização da luz, principalmente, técnicas essas aplicadas pelos alunos principalmente em fotografias tiradas de paisagens da região. Na

oficina de jornalismo, os alunos produziram um jornal formato A4, com 14 matérias, denominado por eles mesmos como “Jornal Estudantil”.

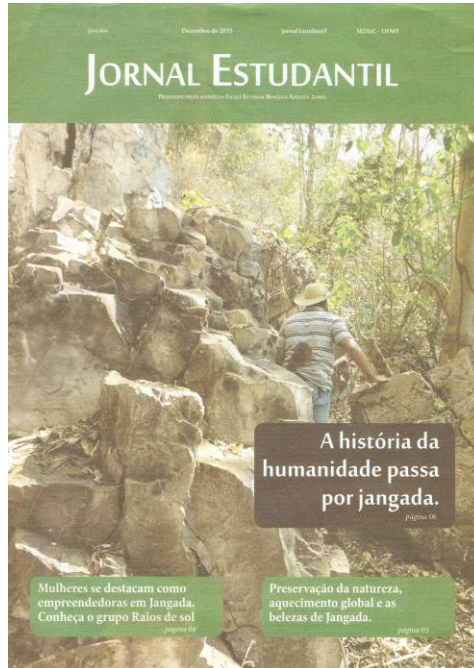


Ilustração 02: A primeira página do “Jornal Estudantil”

A cerimônia de encerramento do projeto, em 2015, foi bastante emocionante, com a apresentação dos produtos finais para os familiares e toda a comunidade, que compareceu ao evento. Diversos vídeos e fotos foram exibidos em um telão e o jornal feito pelos alunos foi impresso e distribuído a todos. O orgulho dos alunos e da comunidade escolar ao ver meses de trabalho sendo finalizado foi uma prova do sucesso do projeto. A apresentação das criações para a comunidade, que também foi parte desse processo, traz uma ressignificação, como aponta Daniels (2000) e Araújo (2004) apud Damiani (2008, p.218):

Daniels (2000) argumenta que as culturas de trabalho colaborativo são importantes ambientes para a promoção de trocas de experiência e, conseqüentemente, de aprendizagens, promovendo incremento nesses parâmetros. Segundo Araújo (2004), quando o que denomina “cultura de coletividade” é instaurada, as pessoas nela envolvidas passam a reconhecer o que sabem, o que os outros sabem e o que todos não sabem - atitudes que resultam na busca de superação dos limites do grupo.

Nesta segunda fase do projeto, iniciada nesta escola também em 11 de maio, diferentemente do ano passado, não foi identificada preferência por uma oficina em detrimento de outra. Os alunos participaram de todas as oficinas e produziram com muito afincio grande parte das tarefas deixadas. Este resultado tem por certo grande influência da

produção gerada em 2015, assim como o envolvimento conjunto de professores, alunos e equipe da UFMT em todos os momentos das oficinas.

Algumas novidades contribuíram para a renovação do projeto nessa fase. Propor aos alunos e professores a contarem a história das suas comunidades através de texto, vídeo ou fotorreportagem, foi uma delas. Os alunos, com o auxílio dos professores, fizeram textos sobre as lendas da comunidade, que serão desenhadas em forma de HQ'S por alunos que possuem essa habilidade. Em todas essas atividades, os alunos e professores, pesquisaram, foram a campo e trabalharam juntos. Essas atividades práticas, que estão inseridas em coisas do cotidiano, sendo realizadas em grupo, provocam mudanças em seus conhecimentos e habilidades (Lave e Wenger, 1991 apud Damiani, 2008, p.217). De fato, isso se mostrou presente nesta escola.

Considerações Finais

A partir da prática do trabalho colaborativo para a realização das atividades propostas, foi possível perceber o estreitamento de laços, tanto entre professores e alunos da escola como na equipe da UFMT. Além disso, foi possível verificar que aquilo que é coletivamente produzido, com engajamento e colaboração, gera resultados surpreendentes, como reflexão crítica, emancipação do pensamento e melhor compreensão do conteúdo escolar.

Os alunos, nas oficinas, foram além do aprendizado de técnicas de produção de conteúdos comunicacionais. A oficina de jornalismo, por exemplo, permitiu o exercício da escrita, a busca de coesão e coerência textual, gramática, a concatenação das ideias e a habilidade de organização das informações em um texto.

Um dos pontos que merece destaque na oficina de fotografia foi o olhar sobre os detalhes, sobre aquilo que escapa aos olhos. O resultado foram produções fotográficas sensíveis, poéticas, com qualidade e com a personalidade do fotógrafo. A produção de vídeos, por sua vez, mobilizou toda a comunidade. Para produzir um vídeo, os alunos realizam pesquisas, recorrem aos professores e à comunidade. Todos se tornam parte de algo, que vai além de um vídeo, de algo conjunto, colaborativo.

De acordo com depoimentos da coordenadora e dos próprios alunos das escolas, as atividades do projeto contribuíram para um melhor desempenho escolar, tornaram a relação de aprendizagem mais divertida, proporcionou uma convivência mais harmoniosa entre os

alunos e entre alunos e professores e contribuiu para o fortalecimento de amizades e trabalhos em equipe.

A inserção de três novas oficinas, duas delas voltadas especificamente para o trabalho colaborativo, foi pensado exatamente para que isso fosse mais estimulado e desenvolvido. De maneira satisfatória, podemos observar que de fato surtiu efeito dentro do projeto. Para as equipes da UFMT, o aprendizado se potencializou. Na medida em que trabalhávamos com os alunos, reafirmávamos o nosso conhecimento. Além disso, na troca com as escolas, nossa visão de mundo foi fortemente influenciada pela experiência da colaboração.

As atividades desenvolvidas no projeto contribuíram para fortalecer o sentido de pertencimento tanto nas comunidades quanto na escola, assim como colaborou com o esforço da escola em manter-se próxima dos moradores das comunidades atendidas. Vivenciamos nestas duas escolas troca de conhecimento, respeito mútuo, amizade, entusiasmo pela criação de algo novo e novas maneiras de aprender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Elisa C.D.. A narrativa transmídia como estratégia de incentivo à leitura. *Texto Digital (UFSC)*, v. 10, p. 98-113, 2014.

DAMIANI, Magda Floriani. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. *Educar*, Curitiba, 2008, p.213 a 230.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1974.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. São Paulo: Editora ALEPH, 2014

MASSAROLO, J. C.; DARIO MESQUITA . *Narrativa transmídia e a Educação: panorama e perspectivas*. *Ensino Superior Unicamp*, v. 9, p. 34-42, 2013.

MOREIRA, B.D.; SILVA, M.L. A educomunicação e a educação ambiental no espaço escolar. In: SATO, M; GOMES G.; SILVA, R. *Escola, Comunidade e Educação Ambiental: Reinventando sonhos, construindo esperanças*. Cuiabá, 2013.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado* / Clay Shirky; tradução Celina Portocarrero – Rio de Janeiro, 2011.